TRIP

Negro drama

Ser homem negro no Brasil é conviver com uma série de estereótipos, que envolvem gênero, raça e classe social. Discutir isso é reiterar a noção básica de que ninguém é uma coisa só

Créditos: Matheus Thierry/Zebraa/Divulgação

Por CAROL ITO

em 22 de setembro de 2017

COMPARTILHE

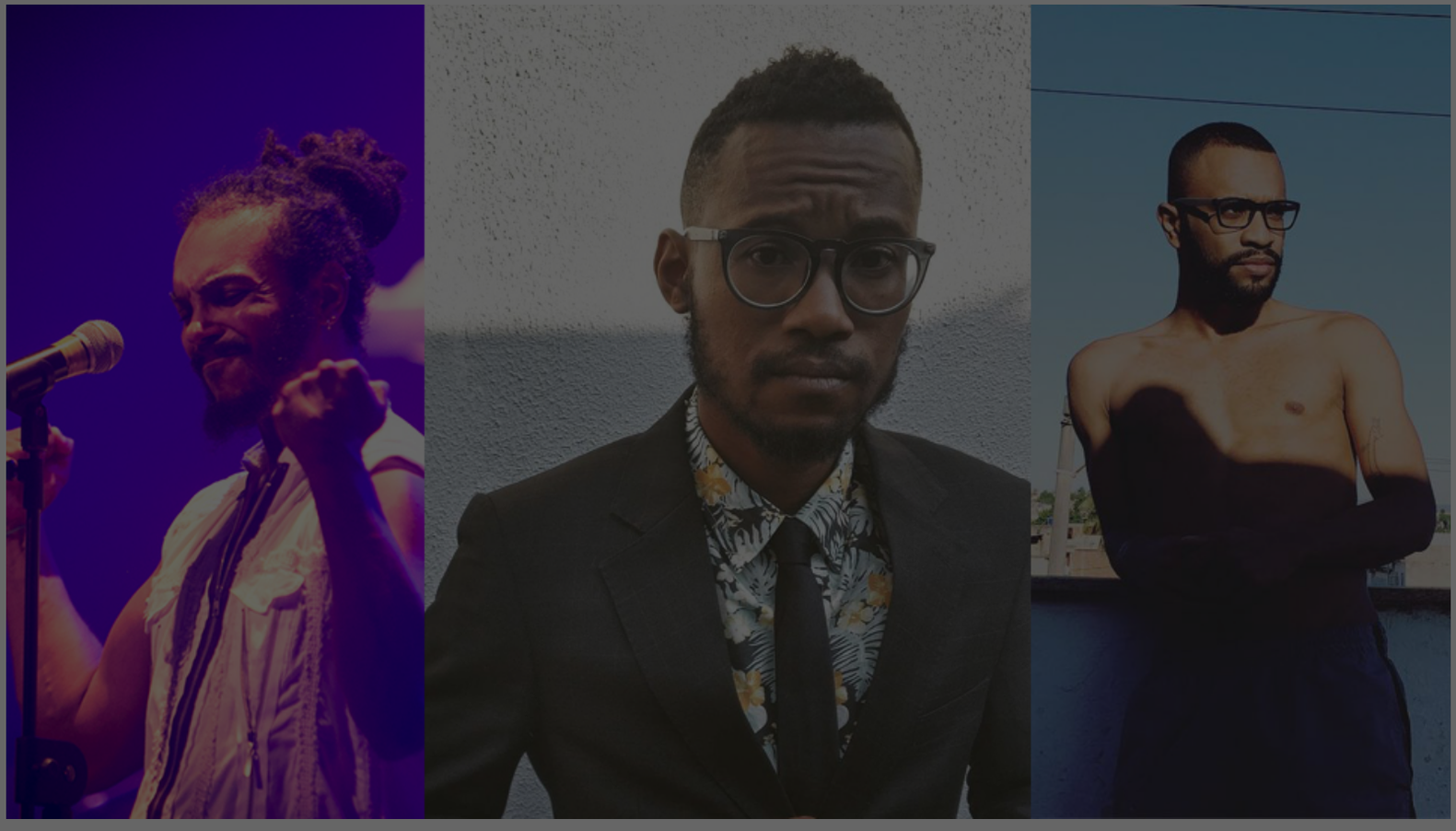
Colocar uma lupa sobre a maneira como homens negros experimentam sua masculinidade não é uma tarefa simples. O tema ainda é tabu. “É um debate que tem se encaminhado aos poucos, as mulheres estão anos-luz da gente”, diz **Caio César**, estudante de geografia. A hipersexualização do corpo negro, a idealização do “negão” bom de cama, selvagem e viril é um dos estereótipos que acompanham o ideal da masculinidade do homem negro. “Não somos o padrão de beleza, nem o padrão de racionalidade e muito menos o padrão de homem de família. Então, se enquadrar nesse estereótipo muitas vezes é o que nos resta”, conclui Caio, sobre como a idealização também age como um mecanismo para driblar a baixa autoestima, o que dificulta a ampliação da discussão aberta sobre o tema.

LEIA TAMBÉM: Mano Brown: armado e romântico

Para **Túlio Custódio**, sociólogo e membro do coletivo Sistema Negro, pensar em masculinidade negra em um país como o

Brasil é pensar em gênero, raça e classe em conjunto, pois todas as relações de poder influenciam na construção da identidade. Ele considera que “o bom homem negro é o que performa a ética branca”, como se a masculinidade do homem branco fosse o parâmetro do que é correto, o que implica em resgatar os estereótipos de homem trabalhador, provedor, que tem poder de consumo. “Como agem a maioria dos jogadores de futebol negros, por exemplo? Eles ostentam o poder de consumo, escolhem parceiras brancas, atitudes que aumentam o status”, exemplifica.

O filósofo e psiquiatra martinicano e francês, **Frantz Fanon**, já refletia sobre a expectativa de que o homem negro se encaixe em uma ética que não é dele em *"Pele negra, máscaras brancas"*, livro publicado na década de 50. Outro estudioso que abordou a questão foi o sociólogo jamaicano **Stuart Hall**, em seu livro *"Cultura e representação"*, em que analisa a presença do negro no cinema e na publicidade ocidental. Uma de suas reflexões é de que os estereótipos se formam enfatizando as diferenças: se o homem branco é civilizado e trabalhador, o homem negro é primitivo e preguiçoso. Apesar das imposições, há uma "luta histórica em torno da imagem" que precisa ser considerada.



O ator e diretor Jé Oliveira, o sociólogo Túlio Custódio e o estudante Caio César / Créditos: Divulgação/Stephanie Ribeiro/Arquivo pessoal

Hip hop: construção de identidade própria

Embora o parâmetro seja a masculinidade branca, o homem negro convive com um cenário particular. O **Atlas da Violência 2017**, produzido com base em estudo realizado pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, confirma um diagnóstico antigo: jovens negros são as principais vítimas de violência. Entre os casos de homicídio, 92% das vítimas são homens e os negros têm 23,5% a mais de chances de serem assassinados, em comparação a brasileiros de outras raças.

Alessandro de Oliveira Campos é psicólogo e coordena encontros para discutir masculinidades, em São Paulo. “Há angustias que impactam na saúde mental. Homens negros cogitam frequentemente a possibilidade de suicídio. Esse é um sintoma assustador ”.

Jé Oliveira é ator e diretor da peça **“Farinha com açúcar ou sobre a sustança de meninos homens”**, que aborda as vivências dos homens negros de periferia,

com trilha sonora composta por singles dos **Racionais MC's**. A cultura hip hop, como um todo, foi uma referência na construção de identidade de homens negros ao longo das últimas décadas: "ali a gente encontra uma ética da rua, uma ética de masculinidade que é, sim, machista, mas também é uma ética de respeito ao acordo, de respeito às amizades, às mães, às avós", observa o diretor.

A condição socioeconômica é um agravante que dificulta a desconstrução dos estereótipos e limita as vivências dos homens negros. "As pessoas da periferia não conhecem muito além do próprio bairro, porque não têm a possibilidade, não se sentem bem circulando por outros lugares, se sentem observadas, julgadas", observa Oliveira.

Muito além do "negão de tirar o chapéu"

"Aos 16 anos, uma amiga disse que eu tinha cara de quem fazia sexo bem. A julgar pelas opiniões que ela já tinha emitido em outros momentos, aquele bom sexo era um sexo violento", relata Caio César, morador do Rio de Janeiro. "É importante frisar que a amiga em questão nunca havia se relacionado comigo. Sua opinião foi baseada em estereótipos sexuais ligados a corpos negros", complementa.

“O homem negro quando reduzido a um pênis é objeto de uma reificação grosseira”

Alessandro de Oliveira Campos

No artigo “*Na cama com o super negão: masculinidades, estéticas, mitos e estereótipos sexuais do homem negro*”, do historiador **Daniel dos Santos**, é abordada a relação entre a objetificação do corpo negro e o passado escravocrata do país. O negro escravizado era avaliado “a partir de seus dotes físicos e sua robustez anatômica”, que seriam seriam úteis nos serviços agrícolas e de mineração. Ainda que seja difícil encontrar documentos oficiais, há histórias de homens que tinham como função gerar filhos com escravas. Eram conhecidos como reprodutores, escolhidos pelo porte físico.

"O homem negro quando reduzido a um pênis é objeto de uma reificação grosseira, de um ato de desumanização. E quando ele acolhe essa objetificação caminha para uma solidão inevitável, porque, em algum momento, não será mais objeto de interesse do outro", pontua Alessandro de Oliveira Campos.

Não é pessoal

No campo dos afetos, a discussão sobre relacionamentos inter-raciais adquire cada vez mais relevância. Em 2015, **Helen Lobanov**, feminista negra, fez um vídeo que ainda causa comoção nas redes sociais. Na ocasião, ela expôs sua revolta ao perceber que muitos homens negros recriminavam publicamente mulheres negras que mantinham relações com brancos, ao mesmo tempo em que elas são preteridas nas relações afetivas, como comprovado no **Censo do IBGE de 2010**.

“É difícil para o homem negro se desconstruir porque o machismo é o único poder que ele tem dentro dessa sociedade”, sintetiza Lobanov, que hoje mora nos Estados Unidos. “Eu nunca culpei o homem negro, em específico, pela solidão da mulher negra, o branco também pretere. A responsabilidade do homem negro é admitir que isso acontece e ouvir o que as mulheres negras têm a dizer. A crítica não é pessoal", completa.

Welcome

This site asks for your consent to use your personal data to:

Personalised advertising and content, advertising and content measurement, audience research and services development

Store and/or access information on a device

Learn more

Your personal data will be processed and information from your device (cookies, unique identifiers, and other device data) may be stored by, accessed by and shared with 211 partners, or used specifically by this site. We and our partners may use precise geolocation data. List of partners.

Some vendors may process your personal data on the basis of legitimate interest, which you can object to by managing your options below. Look for a link at the bottom of this page or in the site menu to manage or withdraw consent in privacy and cookie settings.

Consent

Manage options

> **“É difícil para o homem negro se desconstruir porque o machismo é o único poder que ele tem dentro dessa sociedade”**
>
> Helen Lobanov

Além de negro é bixa?

A homossexualidade é outro tabu: “a gente vê homens negros não podendo ter uma sexualidade mais ampla”, observa Jé Oliveira. Ele acredita que os estereótipos vão formando cascas que dificultam que o homem exerça suas potencialidades e desejos.

“São dois preconceitos que sofremos, por sermos negros e bixas”. Essa frase é do cineasta **Bruno Victor** que roteirizou e dirigiu o curta-metragem ***Afronte***, junto com **Marcus Mesquita**. A produção conta a história de um personagem negro e gay que mora na periferia do Distrito Federal. O curta foi viabilizado graças a grande adesão que tiveram na campanha de financiamento coletivo pela internet e agora circula em festivais e premiações. “Queríamos de falar sobre nossa realidade, nossas vivências. Nessa mesma época tivemos contato com o coletivo **Afrobixas**. Eles foram uma grande motivação para o filme", complementa Bruno.

LEIA TAMBÉM: Ser negro no Brasil é foda

"O machismo está enraizado na construção do imaginário do homem gay, que só é minimamente útil quando se apropria das características viris do padrão heteronormativo. Ser um negro, gay e afeminado, muitas vezes, é sinônimo de solidão. A não aceitação dos nossos corpos e do nosso comportamento é incisiva", explica Marcus.

O filme *Moonlight*, vencedor do Oscar 2017, traz essa discussão através do personagem principal. "Ele foi muito representativo em relação às opressões vividas pelos negros gays, a sensibilidade do filme é algo que nos toca profundamente", comenta Bruno. Ele indica outros filmes sobre o assunto: *Línguas Desatadas*, de Marlon Riggs, *Paris is burning*, de Jennie Livingston, *Favela Gay*, de Rodrigo Felha e *Madame Satã*, de Karim Ainouz.

Questionar os padrões de masculinidade da perspectiva racial implica em “entender que homens negros são mais do que corpos, mais do que performance sexual, mas sim, homens com multiplicidades, diferenças, receios e vontades próprias”, sintetiza Caio César. Para Campos é preciso pensar no plural: “não há masculinidade, mas masculinidades”.

Assine nossa newsletter

seu nome

seu e-mail

INSCREVA-SE

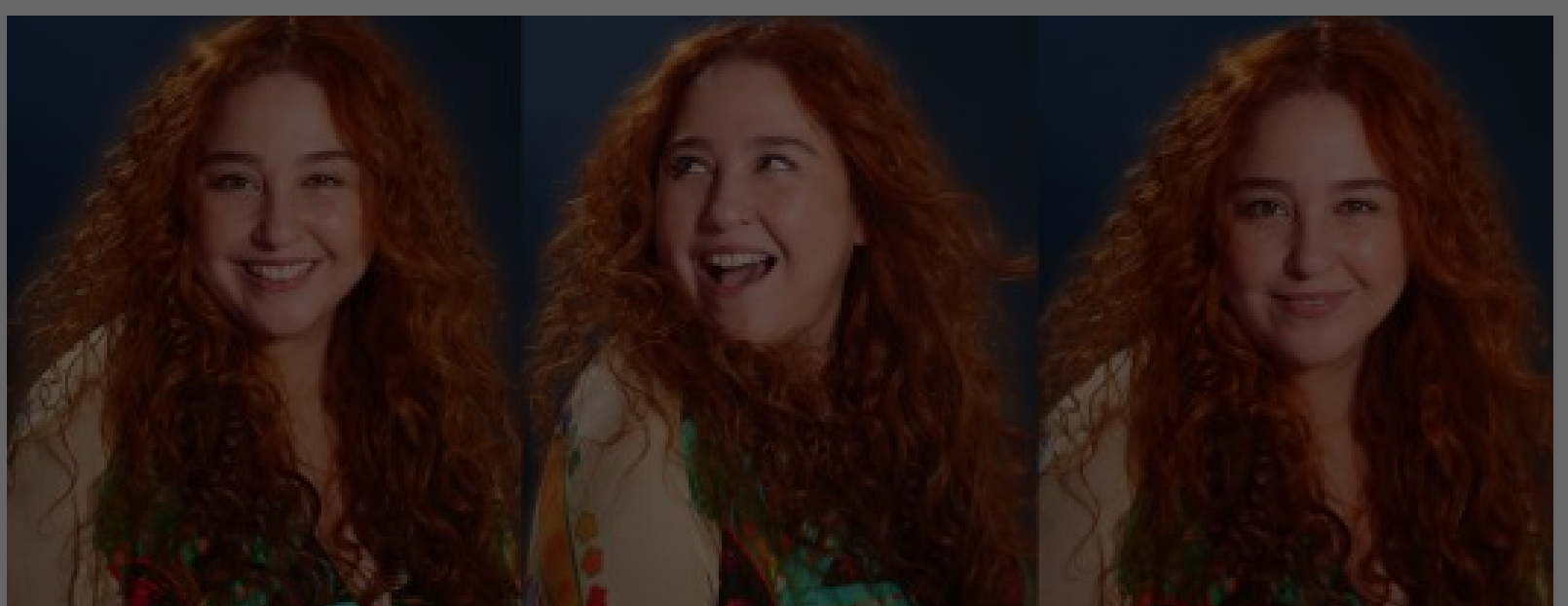
Concordo com a **política de privacidade** .

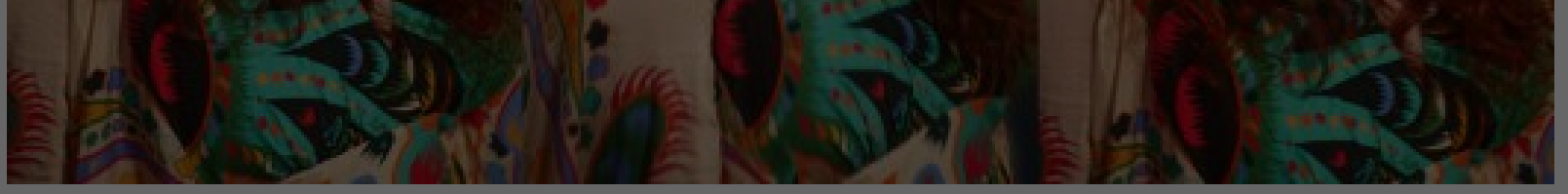
PALAVRAS-CHAVE

Comportamento | Gênero | Negritude | Sexo

COMPARTILHE

LEIA TAMBÉM

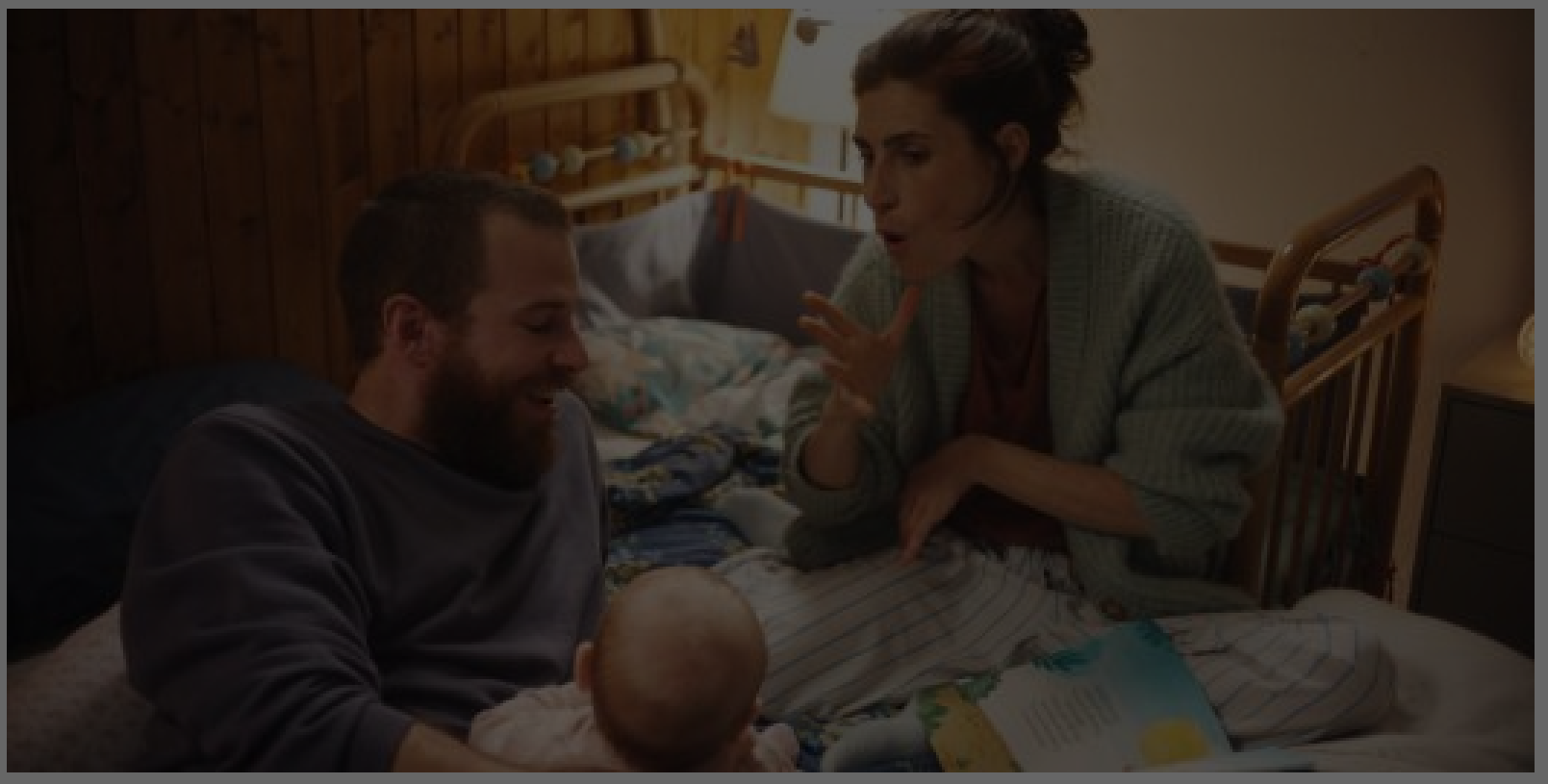




TRIP FM

Ela tem o antídoto para um país sem graça

A atriz e diretora Debora Lamm fala sobre humor como ferramenta política, feminismo, envelhecimento e a série Juntas e Separadas do Globoplay



TPM

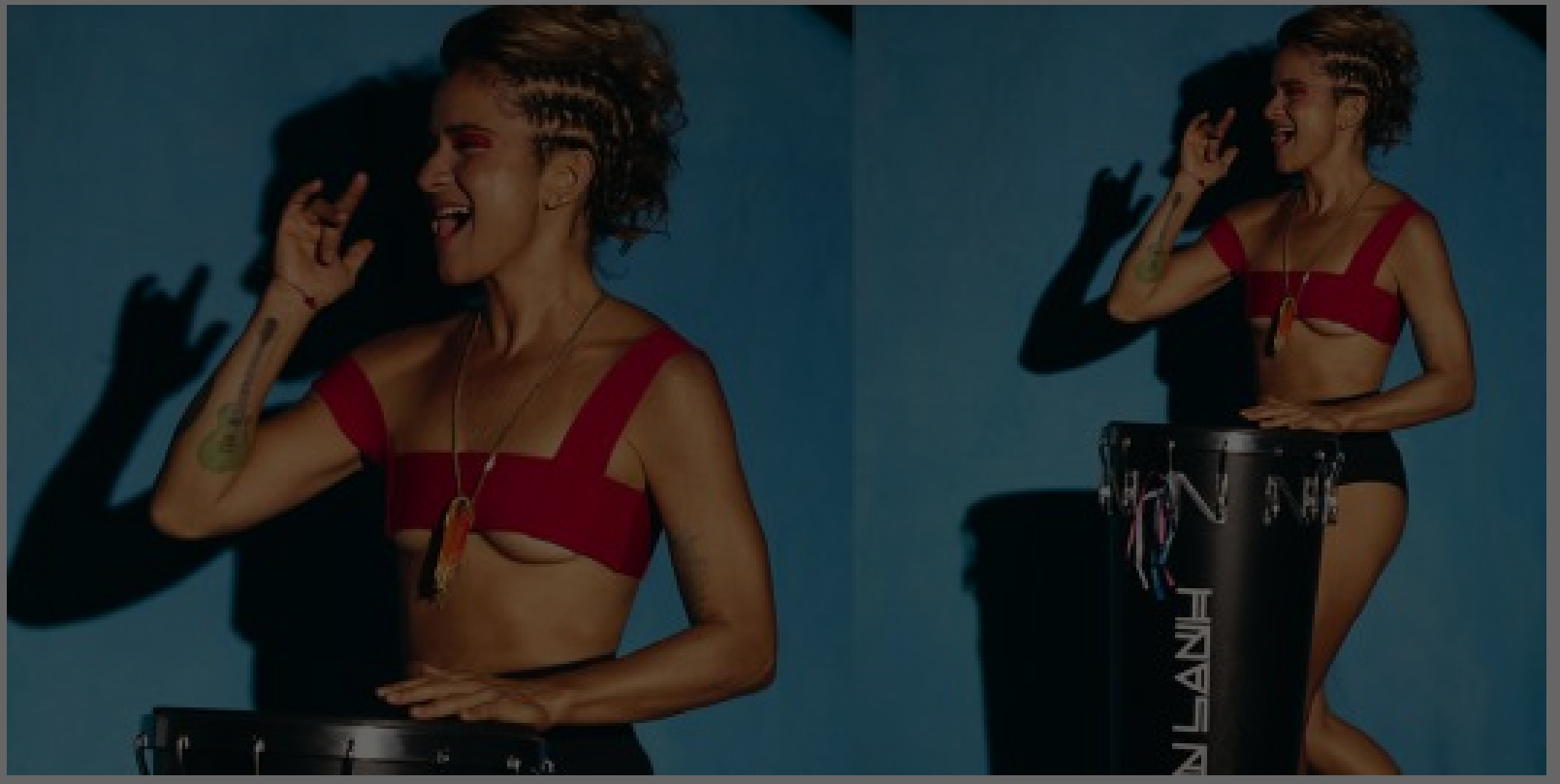
A voz de uma mãe surda

Miriam Garlo, primeira atriz com deficiência auditiva a ganhar o Prêmio Goya, e a diretora Eva Libertad falam sobre o filme Surda, que colocou a maternidade invisível em cena

TRIP

Arnaldo Antunes: “Tanta pressa pra quê?”

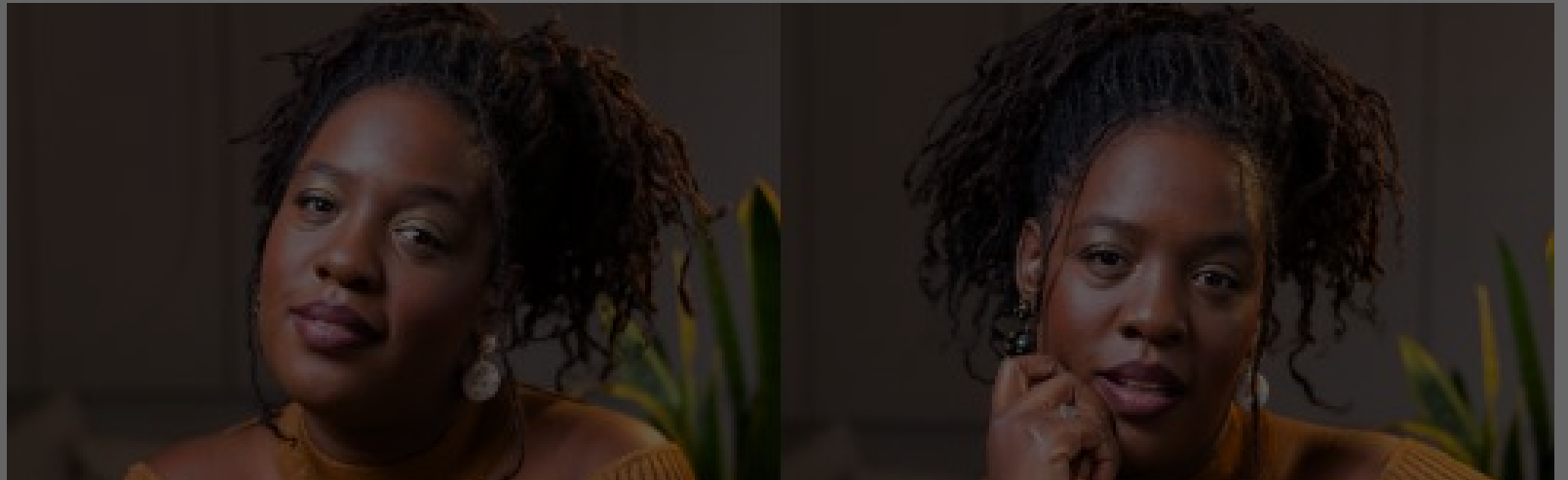
O artista abre as portas de casa para a Trip e fala sobre os 40 anos de carreira, a parceria com Marisa Monte, Ana Frango Elétrico e Vandal e suas angústias com a IA

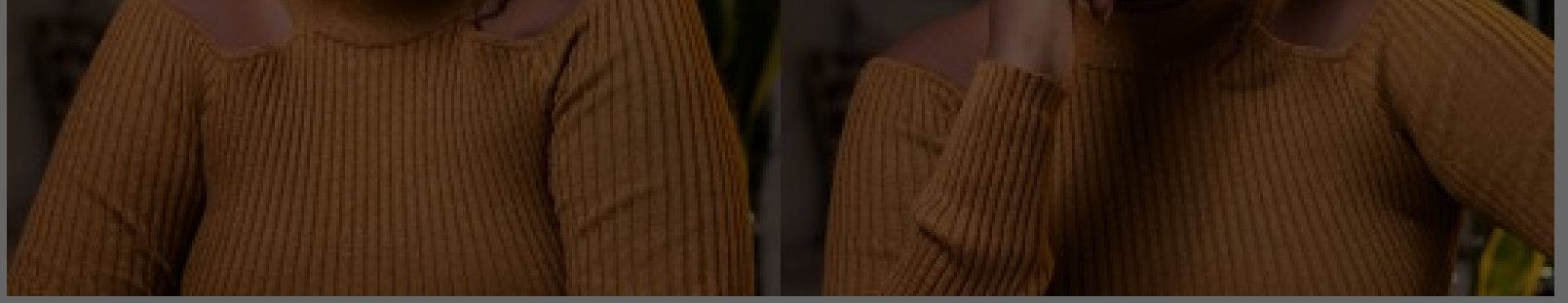


TRIP FM

A batida leve e poderosa da maior percussionista do Brasil

Lan Lanh relembra a força de Cássia Eller, fala sobre maternidade, representatividade e dos 40 anos de uma carreira marcada por ritmo e personalidade





TPM

Ana Paula Xongani: as dores e delícias de ser uma mãe influencer

A comunicadora revela os desafios de blindar as filhas da exposição e de fazer ativismo nas redes sociais na era da compulsão digital

TRIP FM

Dias antes do fim da Eldorado FM, um

papo reto com o diretor artístico da rádio

Na despedida da Rádio Eldorado do dial, Paulo Lima conversa com Emanuel Bomfim sobre o legado da emissora, seus bastidores e por que ela sempre foi “a rádio que não parece rádio”

MAIS LIDAS

1 TRIP
Arnaldo Antunes: “Tanta pressa pra quê?”

2 TRIP
Diário de classe: como educar meninos na era Red Pill

3 TRIP
Repara a bagunça

4 TRIP
5 livros para ler de graça no MEC Livros

5

TRIP

Deepfakes de nudez, direito e misoginia nas redes sociais

6

TRIP

4 livros sobre feminismo para homens

7

TRIP

A Ilhabela que o turismo quase apagou

TRIP

O que fazemos

TPM

TRIP FM

TRIP TV

CASA TPM

TRIP TRANSFORMADORES

TRIP CAST

Expediente

Anuncie

Contato

Política de privacidade